

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. *Cativos do sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888*. São Paulo: Editora Marco Zero; Cuiabá, MT: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 1993, 251p.

*Ariane Cristina Martins **

Através do estudo do cotidiano que, segundo a autora, permite desvendar as múltiplas relações estabelecidas entre os homens comuns e resgatar a forma como eles, sujeitos da História que são, viveram e perceberam a sua existência, recompondo assim as tramas da tessitura social (p.12), o livro objetiva explicitar não somente novos elementos do dia-a-dia dos escravos, mas, principalmente, o papel fundamental exercido por eles no jogo de conflitos e acomodações das forças sociais, ou seja, no processo de construção e transformação da sociedade, levando a uma maior compreensão da sociedade da região especificamente abordada, a região de Cuiabá, como também da sociedade escravista na sua totalidade.

A escravidão é estudada nesta obra em condições muito diversas daquelas encontradas nas regiões litorâneas ou nos grandes centros do país. São as especificidades da região de Cuiabá, portanto, que a autora nos apresenta na primeira parte do livro, intitulada "Cuiabá: a difícil vida no sertão", na qual ela faz uma análise do processo de povoação e da organização sócio-econômica desta região de fronteira, pouco populosa, distante dos principais centros e mercados, com dificuldades de transporte e comunicação.

Dois fatores aparecem com destaque nesta primeira parte e perpassam toda a obra, uma vez que influenciaram de forma direta e acentuada a dinâmica social de Cuiabá. Por um lado, a grande crise vivida pela região no período abordado, acarretada pelas cheias do rio Cuiabá, que destruíram muitas plantações, acentuando ainda mais os crônicos problemas de abastecimento; pelas epidemias de varíola, que dizimaram boa parte da população e, principalmente, pela Guerra do Paraguai, que alterou profundamente as

* Departamento de História/USP.

condições de vida da população. Por outro lado, a ressonância na região de Cuiabá dos novos discursos do Centro-sul do país, ligados ao aprofundamento das relações e das forças produtivas capitalistas, que levaram para o sertão novos parâmetros de civilização e progresso, relacionados às idéias de urbanização, disciplinarização, higienização, novas formas de lazer, etc, redirecionando os projetos das classes dominantes cuiabanas, modificando as suas formas de percepção da sociedade e do trabalho e, conseqüentemente, transformando as relações sociais, além de introduzirem o questionamento da utilização de mão-de-obra escrava.

Este é o universo no qual foi estudado o cotidiano dos escravos na segunda parte do livro, "A identidade do escravo: a dura luta cotidiana". A documentação utilizada consiste de relatórios e correspondências das autoridades provinciais (Arquivo Público de Mato Grosso); cartas de liberdade, trabalho e contratos de quartamento (Arquivo Histórico do Cartório do 2º Offício); inventários e testamentos, processos criminais e relatórios de chefes de polícia, além de textos jornalísticos e escritos de viajantes e visitantes.

É nesta documentação, basicamente oficial, que a autora buscou os dados sobre a vida do cativo, que foi estudado em suas múltiplas possibilidades de ação e interação, individuais ou coletivas, no interior da sociedade cuiabana, nos diversos espaços de confronto das forças sociais. Primeiramente, o escravo é visto em seu espaço de trabalho, nas relações com seu senhor, lutando no seu dia-a-dia para melhorar suas condições de vida, seja através da submissão ou das inúmeras formas de resistência. Em seguida, o cativo é estudado no espaço da transgressão, desafiando as normas estabelecidas, burlando o controle e os limites impostos pela legislação escravista à qual estava submetido, seja em atos isolados, seja nas ações coletivas, como a formação de quilombos. Por último, e como aspecto pouco abordado na historiografia sobre a escravidão, são estudadas as relações dos escravos com os homens livres pobres da província, evidenciando o enorme campo de possibilidades que a estrutura social oferecia para que estes dois grupos estabelecessem "alianças na construção de equilíbrios possíveis, no jogo de forças que lhes era intensamente desfavorável" (p. 232).

A tônica do texto, por fim, é mostrar a atuação do escravo na dinâmica social, repensando o seu papel na construção da sociedade através de sua luta diária no interior do sistema de dominação, opressão e violência a que estava subordinado, agindo como sujeito de sua vida e da História.